

## HISTORIOGRAFIA REGIONAL E ENSINO: A REALIDADE DA HISTÓRIA DE GOIÁS

Rodrigo Mendes Oliveira<sup>1</sup>

Existe certa dualidade acerca das discussões historiográficas, que tratam a História Regional, dualidade essa que consiste principalmente, de um lado na importância atual de se estudar e produzir obras que tratam contextos regionais e nas vantagens que essa produção pode proporcionar a historiografia principalmente por que rompe com a perspectiva de história oficial e única, noção um tanto quanto superada na historiografia. Por outro lado temos as dificuldades e possíveis “armadilhas” que a produção dessas obras pode apresentar.

Tratando inicialmente essa dualidade, começo identificando o lado que constata a importância do estudo e das produções acadêmicas que acabam por utilizar a História Regional como uma forma de perspectiva de análise da história.

A concepção que mais se concretizou quando se trata a importância da pesquisa e da produção historiografia no âmbito regional, é a que revela o papel inovador que rompe em partes com algumas concepções tradicionais apoiadas na idéia de uma História Oficial e única, (as quais de costume revelam a ação de grandes heróis, participando com decisão nos “grandes acontecimentos” da humanidade) colocando em evidência possíveis excessos e inadequações das “grandes teorias” e da Historiografia que aborda em especial os “grandes fatos”. De acordo com essa concepção temos que:

...a historiografia regional é também a única capaz de testar a validade de teorias elaboradas a partir de parâmetros outros, via de regra, o país como um todo, ou uma outra região, em geral, a hegemônica. Estas teorias, quando confrontadas com realidades particulares concretas, muitas vezes se mostram inadequadas ou incompletas. ( AMADO, Janaína. Pg. 13)

Seguindo a concepção de importância da utilização da História Regional, trago a tona também uma questão que cabe tanto ao Ensino de História Regional quanto a historiografia, que é a possibilidade de proximidade com a História e com os acontecimentos que a abordagem regional proporciona aos cidadãos “comuns”, aqueles que normalmente são excluídos das macro-abordagens historiográficas, (os quais não se sabe o nome, porém não deixam de serem partes do todo e importantes para a “construção” da História). Tratando dessa possibilidade, Janaína Amado conduz a discussão para a capacidade que a História Regional tem de apresentar o concreto e o

---

<sup>1</sup> PÓS-GRADUANDO EM HISTÓRIA CULTURAL NA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

cotidiano, o ser humano historicamente determinado fazendo a ponte entre o individual e o social, retratando a História dos marginalizados identificando-se com a chamada “História popular” ou “História dos vencidos”. (AMADO, 1990).

A História Regional é uma possibilidade historiográfica que além de tudo o que já foi apresentado, pode servir como um instrumento de teste de teorias estabelecidas, pois o regionalismo é útil como método de estudo de processos econômicos, sociais e políticos que ocorrem em territórios determinados, ao longo do tempo, reduzindo apenas a questão territorial o que não tira a capacidade de êxito nas análises (Vera Alice Cardoso Silva).

Colocando fim a apresentação dos aspectos positivos, de se produzir a História tendo como parâmetros a História regional, não posso esquecer uma noção muito comum nos dias atuais, que segundo o autor Marcos Lobato Martins está ligada à perda de identidade e à homogeneização cultural que o capitalismo proporciona a uma grande quantidade de indivíduos na atualidade.

Discutindo essa noção Marcos Lobato Martins, observa, portanto, a importância da resistência do “regional” para os indivíduos, pois certas regiões proporcionam relações sociais mais humanas e de certa maneira mais concretas, do que a lógica capitalista. Por mais que o capitalismo seja extremamente poderoso no processo de homogeneização cultural, algumas regiões na concepção do autor conseguem ainda preservar e estimular as suas especificidades culturais, sociais, econômicas e políticas. Almejando entender o espaço em que vivem, e tentando se livrar das tensões da “sociedade global” (terrorismo, desemprego, competição) o autor entende que cada vez mais as pessoas buscam espaços reduzidos, lugares onde as especificidades em quase todos os aspectos acabam superando a lógica global e homogenizadora do capitalismo.

O autor acaba por revelar a importância da História Regional, tanto para a produção acadêmica quanto para o ensino no nível básico, quando afirma que:

Essa tendência de as pessoas buscarem raízes, fontes de identidade e segurança psicológica, mobilizando elementos do espaço sócio-histórico, aumenta a responsabilidade dos profissionais da História, ao mesmo tempo em que estimula a produção de estudos históricos regionais e locais e valoriza a abordagem regional em sala de aula. (MARTINS,2009)

Por mais que as concepções “positivas” acerca da História Regional pareçam apresentar uma perspectiva de análise e produção da História, com vários adjetivos estimulantes, a quem deseja pesquisar e produzir História, utilizando a noção do

regional, temos o outro lado o qual não posso deixar de apresentar, o lado das “armadilhas” que dificultam incisivamente a produção historiográfica, e que concretizam a idéia de dualidade na utilização da História Regional como um método de produção e análise historiográfica.

Para começar a apresentar alguns dos aspectos “negativos” em relação a produção histórica no âmbito Regional, é bem pertinente iniciar falando sobre as “fontes”. As fontes são uma condição sinequanon<sup>3</sup> na pesquisa história, dificilmente os historiadores conseguem iniciar determinada pesquisa sem ter acesso a uma considerável quantidade de fontes, para apresentar essa condição das fontes, identifico que:

A fonte histórica é aquilo que coloca o historiador diretamente em contato com o seu problema. Ela é precisamente o material através do qual o historiador examina ou analisa uma sociedade humana no tempo. Uma fonte pode preencher uma das duas funções acima explicitadas: ou ela é o meio de acesso àqueles fatos históricos que o historiador deverá reconstruir e interpretar (fonte histórica = fonte de informações sobre o passado), ou ela mesma... é o próprio fato histórico. Vale dizer neste, último caso considera-se que o texto que se está tomando naquele momento como fonte é já aquilo que deve ser analisado, enquanto discurso de época a ser decifrado, a ser compreendido, a ser questionado. É neste sentido que diremos que a fonte pode ser vista como “testemunho” de uma época e como “discurso” produzido em uma época. ( BARROS, José d’ Assunção;, 2008)

Sobre a importância das fontes para as pesquisas voltadas a micro-história<sup>3</sup> (campo historiográfico o qual a História Local e Regional estão incluídas) posso apresentar um trecho do Livro Cultura Historiográfica do autor Gaúcho Astor Antônio Diehl, o qual trata especificamente das fontes utilizadas pela História Regional e Local.

A estratégia de pesquisa hermenêutica em microistória começa na atribuição de um elevado significado no teor das fontes, onde estão depositadas as experiências da ação humana e a própria capacidade de entendimento dos autores de uma época entre si e, também, com outras épocas. Esse caráter específico das informações consiste naquilo que é dado pelo métodos como critérios de sentido e modelos de significação das fontes. Isso significa na prática de pesquisa, que os desenvolvimentos temporais do passado são reconstruídos por meio de perspectivas localizadas no nível das intenções orientadas e mesmo originadas de ações. Assim, o teor de uma ação no passado se torna um elemento potencializado de sentido para outros indivíduos e mesmo de outras épocas. ( DIEHL, 2002, Pg. 174)

Sabendo da importância das fontes para a pesquisa e produção histórica, principalmente no âmbito regional, não posso esquecer de mencionar, uma das mais importante fontes, que é a fonte documental. Essa “fonte documental”, oriunda

principalmente dos registros estatais é uma das fontes mais utilizadas na pesquisa e produção histórica e não é diferente nas pesquisas regionais, quando esses documentos acabam por serem fundamentais no desenvolvimento da pesquisa.

As fontes documentais, apesar de muito importantes, podem ser um empecilho para o historiador que pesquisa no âmbito regional, (Janaína Amado) ao tratar dessa dificuldade, salienta que é difícil realizar trabalho de cunho regional, quando existem vários problemas relacionados ao mau estado de conservação e de desorganização dos documentos históricos, em quase todo território nacional, principalmente nas regiões mais pobres.

Ainda tratando sobre as dificuldades relacionadas as fontes documentais, a autora revela que:

“Por outro lado, a documentação local necessária às pesquisas geralmente está em mãos de pessoas que se consideram “donas” e não querem cedê-la. Isto talvez aconteça porque em locais menores, onde predominam relações de tipo pessoal e privado, haja mais dificuldade em identificar patrimônio histórico com patrimônio público. Mas acontece também porque nestes lugares, muitos “donos” da documentação pertencem às oligarquias locais, estão habituados a mandar. E não hesitam em usar este poder contra o pesquisador, principalmente quando desconfiam que o resultado da pesquisa poderá prejudicar seus interesses ou comprometer sua imagem.” (AMADO,1990)

Existem ainda outras dificuldades relacionadas com a pesquisa e produção histórica na perspectiva regional, além das fontes documentais. Um deles segundo a autora está relacionado com a dificuldade de publicar os trabalhos, por mais que a História Regional esteja ganhando credibilidades na historiografia, muitas editoras ainda alegam falta de mercado, recusando-se a publicar temas regionais.

Outras adversidades que podem prejudicar não diretamente o processo de produção historiográfica regional, mais sim o reflexo da mesma, ligando-se ao sentido que a mesma pode adquirir no âmbito acadêmico e até mesmo no âmbito do senso comum, segundo Janaína Amado são o Xenofobismo e o Ufanismo locais que podem estar contidos em algumas obras.

O Xenofobismo segundo Janaína Amado acaba por ir contra a produção historiográfica de outras regiões, de uma maneira incisiva, o que certos autores regionais podem fazer ao se posicionarem contra as obras produzidas nos grandes

centros historiográficos principalmente a região do sudeste brasileiro, por serem consideradas estrangeiras e portadoras de más intenções.

Já acerca do Ufanismo, (Janaína Amado) revelam-se quando há uma defesa sem parâmetros do regional, colocando através de produções seja no âmbito acadêmico ou não, a região como detentora de qualidades que estão acima de qualquer situação.

Tratando do ufanismo local em Goiás, ao analisar uma música<sup>1</sup> do compositor goiano Marcelo Barra (Miriam Bianca Amaral Ribeiro)<sup>1</sup> revela que:

“Assim, membros que somos da população deste lugar, somos convencidos que Goiás é o paraíso na Terra, onde até os muros do império, construídos com o braço escravo, entre um açoite e outro, nos remete a poesia, então sinônimo de lirismo. Visto de baixo, Goiás é lindo, melhor que qualquer outro lugar pelo fato de ser o “meu” lugar. Mas, o lugar não é nosso e é, inclusive cada vez de um menor número de pessoas, goianas ou não.” (AMARAL, 2007)

Percebendo esses elementos, que podem ser destacados nas produções acadêmicas ou até mesmo nas produções artísticas, termino de apresentar algumas questões consideradas “negativas” acerca da produção historiográfica regional e a sua repercussão. Assim coloco fim a apresentação referente a aspectos que colocam a História Regional como uma perspectiva de análise, pesquisa e produção história com crescente credibilidade, (evidenciando sua importância) e também a alguns aspectos “negativos” que dificultam a consolidação dessa perspectiva e atrapalham a opção de produção histórica, utilizando esse viés.

Não há como se esquecer da questão principal, que orienta todas as discussões a cerca da História Regional, e se tornou primordial a quem se interessa em estudar a História Regional, que é a própria “região”. Como delimitar a região a ser estudada? O que de fato pode ser chamado de História Regional?

As respostas a essas perguntas estão intrínsecas, ao próprio sentido do que é, e para que serve a História Regional. (Marcos Lobato), ao tratar sobre essas questões o tenta de certa maneira solucioná-las, quando acaba afirmando que:

O recorte da região precisa levar em conta a totalidade do espaço e definir o nível em que se fracionará o espaço (o problema da escala) bem como as variáveis que presidirão o fracionamento do espaço. Por exemplo há estudos que requerem que o Brasil seja dividido de acordo com critérios político-administrativos: capitanias, províncias, estados, comarcas.... Para os profissionais da História, o importante é que o procedimento de regionalização não produza anacronismo. Para pensar e regionalizar o espaço construído por sociedades do passado é preciso levar a sério a historicidade

das formações espaciais. ( MARTINS, 2009 Pg. 144)

Esse trecho deixa claro como o autor consegue visualizar a questão do recorte regional, registrando como em sua opinião o historiador deve fazer o recorte regional e lidar com as informações adquiridas em determinado espaço. Porém por mais sensatez que possamos constatar nessa afirmação, a questão de delimitação de espaço não é algo resolvido, não há nenhuma convenção que estipule como o Historiador regional deve delimitar o espaço trabalhado, de certa maneira essa delimitação é complementemente livre o próprio historiador em sua pesquisa, encontra uma maneira de expor a sua delimitação e torná-la coerente aos olhos de quem entra em contato com a pesquisa. Não existe, portanto um conceito único do que seja região, segundo (Janaina Amado) “... a idéia de região não importa qual o conteúdo lhe seja conferido, relaciona-se basicamente com a noção de espaço.” Espaço esse que o historiador deve visualizar e delimitar antes de partir para a pesquisa e produção histórica.

A respeito da Segunda pergunta do que é de fato a História Regional (Marcos Lobato) afirma que:

Não se trata simplesmente da História que lida com pequenas porções de um país: uma área determinada pela geografia física (por exemplo a Amazônia ou o semi-árido), um estado ou um município. História Regional é aquela que toma o espaço como terreno de estudo, que enxerga as dinâmicas históricas no espaço e através do espaço, obrigando o historiador a lidar com os processos de diferenciação de áreas. A História Regional é a que vê o lugar, a região e o território como a natureza da sociedade e da história, e não apenas como o palco imóvel onde a vida acontece. (MARTINS, 2009, Pg. 142/143)

Em 1931 temos no estado de Goiás a criação de um decreto que “criou a disciplina de história de Goiás para o curso de formação de professores, que teriam a tarefa de formar o povo capaz de suplantar o atraso, construir o progresso e a modernidade, tornando-se não um contemplativo da história, mas alguém disposto a contribuir para a efetivação do projeto proclamado.” (RIBEIRO, Miriam Bianca Amaral, 2009)

A necessidade da criação de uma História de Goiás é evidência quando temos que:

Há ainda um ponto deste Regulamento que se traduz em imperativo para o nosso estado. Queremos nos referir à introdução, pela primeira vez, em um estabelecimento oficial de ensino, de aulas especiais sobre a História de

Goyaz. é o único estado que não tem sua história escrita. (DECRETO 658/1931, publicado no Correio Oficial de 2/2/1931)

Uma das preocupações das autoridades nessa época era resgatar e preservar a memória exclusivamente goiana, como uma maneira até mesmo de formar cidadãos preparados para o processo de evolução o qual o estado necessitava passar, essa História de Goiás deveria chegar a uma parcela considerável da população com o intuito de cumprir esses objetivos.

Nessa realidade temos que:

A criação da aula especial de história de Goyaz é o primeiro passo dentro da defesa de nosso patrimônio histórico, defesa essa brevemente completada pela patriótica orientação de Vossa Excelência, assim o esperamos, com a criação do Arquivo Histórico e Geográfico de Goyaz. (DECRETO 658/1931, publicado no Correio Oficial de 2/2/1931)

A História de Goiás, a partir desse momento o sentido de História de Goiás se compõe, variando em atribuições de importância, porém nunca deixando de ser estudada seja no nível superior ou mesmo no nível básico de ensino. Um exemplo a se ressaltar é que no próprio curso de licenciatura da UEG de Anápolis existe uma disciplina na matriz curricular, o qual é intitulada de “História Regional”. Existe nesse caso uma preocupação em formar professores capazes de lecionar o assunto na atualidade (seja esse interesse das autoridades educacionais ou até mesmo dos professores universitários responsáveis por compor a grade curricular).

Não há como ignorar a existência de uma delimitação do espaço estudado pela História Regional, quando nos atentamos para o caso de Goiás. Ao longo de vários anos, desde a formação do estado reuniu-se uma grande quantidade de conhecimento a respeito da sua História, nessa lógica pode-se perceber que existe sim uma construção de uma História exclusivamente de Goiás, ignorar isso é o mesmo que ignorar a produção de vários autores tais como: Paulo Bertram, Nasr Fayad Chaul, Luís Palacín e Americano do Brasil.

A História Regional assume um sentido nesse caso (História de Goiás) paradoxal, pois ao mesmo tempo em que se reconhece a nível nacional sua importância e a necessidade de se desenvolver pesquisas e consolidar e incluir o assunto no sistema básico de ensino, em Goiás principalmente no ensino, através da pesquisa nos colégios pode-se perceber o quanto ainda falta para que o assunto seja realmente levado a sério, o

que provavelmente não deve ser diferente nas demais regiões do nosso país, pois mesmo de maneira informal ainda pude observar durante a reunião de material para desenvolver o trabalho o quanto a situação do ensino de História Regional se assemelha em outras regiões da realidade das escolas goianienses.

Cada vez mais é necessário que Universidades, escolas de ensino básico e secretarias de Educação discutam o ensino e a pesquisa, referente a História Regional, pois é neste caminho que poderá se encontrar soluções para as deficiências apontadas neste trabalho de conclusão de curso.

### Referências Bibliográficas

FONSECA, Selva Guimarães. *Didática e Prática de Ensino de História*. Papyrus, Campinas- SP, 2003

MANIQUE, AP e PROENÇA, M.C: *Didática da história – Patrimônio e história local*. Lisboa : Texto Editora, 1994.

LIMA E FONSECA, T.N. *História e ensino de história*. BH: Autêntica, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da. & GENTILLI, Pablo (org.) Escola S.A. *Quem ganha e quem perde no mercado educacional do neoliberalismo*. in: Análise do documento “ Parâmetros curriculares nacionais. Brasil CNTE, 1996.

SILVA, Marcos (coord). *República em Migalhas. História Regional e História Local* in AMADO, Janaína: *História e Região: Reconhecendo e construindo espaços*;. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

MANIQUE, AP; PROENÇA, MC *Didática da história: patrimônio e história local*. Lisboa: Texto, 1994.

ALVES, P.; SCHALLENBERGER, E.; BATISTA, A. A. *A História Regional – Desafios para o Ensino e a Aprendizagem*. Akropolis- Revista de Ciências Humanas da Unipar, Umuarama, v.13, nº.1, jan./mar, 39-45, 2005. Disponível em: <[http://revistas.unipar.br/akropolis/article /view/452/411](http://revistas.unipar.br/akropolis/article/view/452/411)>. Acessado em 19 abr. 2009.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org), *Novos temas nas aulas de História* in: MARTINS , Marcos Lobato : *História Regional*. São Paulo: Contexto, 2009.

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História - especialidades e abordagens* (Sumário). 5ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2008

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru: Edusc, **2002**.

AMARAL, Miriam Bianca: *O local como síntese de múltiplas determinações o local tem razões que o próprio local desconhece*, Trabalho referente ao programa de pós-graduação F.E – UFG, 2007/1